

Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

Psicologia:

Formação profissional, desenvolvimento e trabalho



Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

Psicologia:

Formação profissional, desenvolvimento e trabalho



Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^o Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^o Dr^a Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^o Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^o Dr^a Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^o Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^o Dr^a Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^o Dr^a Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^o Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^o Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^o Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^o Dr^a Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Psicologia: formação profissional, desenvolvimento e trabalho

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Ezequiel Martins Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P974 Psicologia: formação profissional, desenvolvimento e trabalho / Organizador Ezequiel Martins Ferreira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0635-8

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.358220410>

1. Psicologia. 2. Consciência. I. Ferreira, Ezequiel Martins (Organizador). II. Título.

CDD 150

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

São 14, os artigos que compõem esta edição da coletânea, *Psicologia: Formação profissional, desenvolvimento e trabalho*, voltada para pensar a construção e o cotidiano do trabalho do profissional da Psicologia.

A história da disciplina no Brasil remonta à meados do século XIX, mas enquanto profissão é conquistada apenas nos meados do século XX, como resultado dos movimentos de construção de sociedades de Psicologia com a Sociedade de Psicologia de São Paulo (1940), da criação do curso de graduação em Psicologia pela PUC-RJ (1953), da regulamentação da profissão (1964) e instalação do sistema Conselho (1973, 1974).

Desde a década de 70 houve inúmeras conquistas quanto à aplicação da Psicologia em diversos setores como saúde, educação, comunidade, empresas, e se mantém a expansão para os mais variados seguimentos.

Os artigos que compõem esta coletânea apontam para algumas delas, mas não conseguem esgotar a amplitude. No entanto, mesmo com a diversidade manifesta, lutas ainda são necessárias para que haja melhorias e até mesmo para a manutenção do que já foi conquistado.

Para além da luta, uma boa leitura!

Ezequiel Martins Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

O PERCURSO DA CONSTITUIÇÃO DA PSICOSE: UM ESTUDO PSICANALÍTICO EM FREUD E LACAN

Julia Reis Lousao

Ligia Gama e Silva Furtado de Mendonça

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3582204101>

CAPÍTULO 2..... 13

PSICOTERAPIA DE ORIENTAÇÃO ANALÍTICA-JUNGUIANA NO PROCESSO DE LUTO POR MORTE

Michel Cleiton Andersson Daversa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3582204102>

CAPÍTULO 3..... 26

A DESSINCRONIZAÇÃO DO TEMPO NA DEPRESSÃO: UM ESTUDO SOBRE AS DEPRESSÕES E A TEMPORALIDADE EM UMA PERSPECTIVA SARTRIANA

Ana Carolina Besen de Souza

Zuleica Pretto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3582204103>

CAPÍTULO 4..... 41

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE SEXUALIDADE DA PESSOA COM TRANSTORNO DE ESPECTRO AUTISTA

Heloisa Leal Carvalho Muller

Lisandra Marques de Oliveira

Cláudia Ramos de Souza Bonfim

Gabriely dos Santos Amadeu

Bianca Vitória Silva Albonetti

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3582204104>

CAPÍTULO 5..... 54

PSICOLOGIA E LITERATURA: APROXIMAÇÕES POSSÍVEIS

Alexandre Collares Baiocchi

Camila Macenhan

Rodrigo Batista de Almeida

Arlete da Conceição Otto de Camargo

João Victor de Oliveira

Stefani Pacheco Skodowski

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3582204105>

CAPÍTULO 6..... 67

ANARQUISMO E A PSIQUE HUMANA: UMA REFLEXÃO

Rodolfo Pereira de Borba

Daniela Viganó Zanoti-Jeronymo

Eliane Apararecida Haas Soares
Marília Daniella M.A. Cavalcante
Eliane Pedrozo de Morães
Tatiana da Silva Melo Malaquias
Dannyele Cristina da Silva
Paula Regina Jensen
Elisabeth Nascimento Lira
Raphaella Rosa Horst Massuqueto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3582204106>

CAPÍTULO 7..... 73

INTELIGÊNCIA EMOCIONAL NA VIDA DE UM PROFISSIONAL DE RECURSOS HUMANOS

Fernando Rodrigo dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3582204107>

CAPÍTULO 8..... 84

FORMAÇÃO CONTINUADA E SAÚDE MENTAL: A ANÁLISE DE UM PROGRAMA FORMATIVO EM MANAUS

João Raimundo dos Santos Silva Júnior

Maria Inez Pereira Alcântara

Neudimar Ferreira Pacheco

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3582204108>

CAPÍTULO 9..... 97

O PLANTÃO PSICOLÓGICO NO ACOLHIMENTO DE PROFESSORES E ALUNOS EM SOFRIMENTO PSÍQUICO CAUSADO PELA PANDEMIA: UMA REVISÃO DE LITERATURA SISTEMÁTICA

Francisca Iranete da Silva Ferreira

Mayra Serley Barreto de Oliveira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3582204109>

CAPÍTULO 10..... 111

A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO CONTINUADA NA EDUCAÇÃO ESPECIAL

Julianna Maria Fernandes Coêlho

Ezequiel Martins Ferreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.35822041010>

CAPÍTULO 11 127

QUESTIONÁRIO DE BULLYING DE OLWEUS VERSÃO VÍTIMA E VERSÃO AGRESSOR PARA ADOLESCENTES BRASILEIROS

Simone Thais Vizini

Telma da Silva Machado

Adriana Maria Alexandre Henriques

Paulo Renato Vieira Alves

Ana Paula Narcizo Carcuchinski

Morgana Morbach Borges

Márcio Josué Träsel
Denise Oliveira D'Avila
Flávia Giendruczak da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.35822041011>

CAPÍTULO 12..... 138

GAMETERAPIA COMO TECNOLOGIA ASSISTIVA

Sandra Maria Ponte
Andrea Marques Vanderlei Fregadolli
Adriana Cavalcante da Silva
Audeluze Maria Araújo Victor de Mendonça Lopes
Elizabeth Calheiros Borges
Isaac Assunção Ferreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.35822041012>

CAPÍTULO 13..... 154

**O USO DA AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA (PSICOSSOCIAL) NO CONTEXTO DAS
NORMAS REGULAMENTADORAS: FISCALIZAÇÕES DO MINISTÉRIO DO TRABALHO
BRASILEIRO NAS ORGANIZAÇÕES**

Gilza Iale Camelo da Cunha Lopes
Antônio Robson Nogueira da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.35822041013>

CAPÍTULO 14..... 169

A DISFORIA DE GÊNERO NO PROCESSO TRANSEXUALIZADOR

Clariana Claro
Sabrina Cúnico

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.35822041014>

SOBRE O ORGANIZADOR..... 177

ÍNDICE REMISSIVO..... 178

CAPÍTULO 1

O PERCURSO DA CONSTITUIÇÃO DA PSICOSE: UM ESTUDO PSICANALÍTICO EM FREUD E LACAN

Data de aceite: 03/10/2022

Julia Reis Lousao

Graduada pelo Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Rio de Janeiro – RJ
<http://lattes.cnpq.br/7430818926808282>

Ligia Gama e Silva Furtado de Mendonça

Professora Adjunta do Departamento de Psicanálise - Instituto de Psicologia - Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Rio de Janeiro – RJ
<http://lattes.cnpq.br/8784680719744108>
<http://orcid.org/0000-0002-0331-0640>

RESUMO: Este trabalho pretende revisar a trajetória da teoria da psicose desde Freud até Lacan, fazendo um paralelo dela com a neurose. Essas duas estruturas não eram diferenciadas, inicialmente, por Freud. É, sobretudo, em 1923, após o trabalho “O Eu e o Isso”, que se dá, de fato, a separação entre neurose e psicose. Por meio de uma revisão bibliográfica desses dois autores e seus comentadores, é possível averiguar o papel do narcisismo na estrutura psicótica – seja paranoica, esquizofrênica ou melancólica – e, também, sua associação com o estágio do espelho em Lacan. Em seguida, leva-se em conta a teoria acerca da Fantasia neurótica para evidenciar a função correspondente do delírio na psicose, tão exposta por Freud em seu estudo do caso Schreber. Por fim, pretende-se avançar na temática da psicose, mais especificamente na linguagem desta estrutura, que se apresenta de

forma particular – comparativamente à neurose – devido a forclusão de um significante primordial, o Nome-do-Pai.

PALAVRAS-CHAVE: Psicose; delírio; fantasia; narcisismo, estágio do espelho.

THE PATH OF THE CONSTITUTION OF PSYCHOSIS: A PSYCHOANALYTIC STUDY IN FREUD AND LACAN

ABSTRACT: This paper intends to review the trajectory of the psychosis' theory from Freud to Lacan, making a parallel between it and neurosis. These two structures were not initially differentiated by Freud. It is in 1923, after the paper “The Ego and the Id”, that there is, in fact, a separation between neurosis and psychosis. Through a bibliographic review of these two authors and their commentators, it is possible to ascertain the role of narcissism in the psychotic structure – whether paranoid, schizophrenic or melancholic – and also its association with The Mirror Stage in Lacan. Then, It is taken into account the theory of the neurotic fantasy to highlight the corresponding function of delusion in psychosis, deeply exposed by Freud in his study of the Schreber case. Finally, we intend to advance in the theme of psychosis, more specifically in the language of this structure, which presents itself in a particular way - compared to neurosis - due to the foreclosure of a primordial signifier, the Name-of-the-Father.

KEYWORDS: Psychosis; delirium; fantasy; narcissism; mirror stage.

1 | INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo revisar o material bibliográfico referente à psicose na psicanálise, com textos de Sigmund Freud e Jacques Lacan.

A partir da teoria e da prática e, dado que, como afirma Freud (1912/2010), pesquisa e tratamento coincidem, tem sido possível analisar a relação singular da psicose com a linguagem. Consta-se que essa vinculação se dá de forma diferente do que ocorre na estrutura neurótica.

Foi possível apreender, na esquizofrenia e na paranoia, diferentes modos de articulação com a palavra, que, para além de suas distinções estruturantes, ocorrem em decorrência da singularidade de cada sujeito – no caso a caso. Entretanto, para avançar neste nível de pesquisa sobre a linguagem na psicose, é preciso, primeiramente, estudar a fundo a estrutura psicótica, passando pela psicose em Freud, pelo papel do narcisismo na psicose, assim como pelo Estádio do Espelho em Lacan. Em seguida, faz-se necessário, também, explorar a teoria da Fantasia e sua relação com o delírio. É importante mencionar que, uma vez que “o inconsciente é, no fundo dele, estruturado, tramado, encadeado, tecido de linguagem” (LACAN, 1955-1956/2010, p.142), o trabalho está se referindo a ela a todo tempo.

2 | DESENVOLVIMENTO

2.1 A psicose em Freud

O percurso de Freud relativo à psicose se inicia a partir de uma não separação entre ela e a neurose, englobando as duas estruturas em uma só: as neuropsicoses de defesa, que incluíam as histerias, as obsessões e as paranoias (FREUD, 1894/1996).

Após o trabalho “O Eu e o Id” - no qual Freud (1923/2011) caracteriza o Eu em uma posição intermediária entre o Id e o mundo externo – as neuroses começam, então, a se diferenciar das psicoses. “A neurose seria o resultado de um conflito entre o Eu e seu Id, enquanto a psicose seria o análogo desfecho de uma tal perturbação nos laços entre o Eu e o mundo exterior” (FREUD, 1924/2011, p. 159). Isto é, enquanto no primeiro, o Eu toma partido do Supereu e do mundo externo, no segundo, em prol dos desejos do Id e sua inconsistência com a realidade, o Eu rompe com o mundo externo, retirando os investimentos dos traços mnêmicos e excluindo as percepções da realidade, criando, por conseguinte, um novo mundo externo e interno.

De todo modo, é errôneo afirmar que apenas na psicose há um rompimento com a realidade. Freud (1924/2011, p. 194) coloca que “toda neurose perturba de algum modo a relação do doente com a realidade, que é um meio para ele retirar-se desta, e, em suas formas graves, significa diretamente uma fuga da vida real”. A perda da realidade na psicose está posta desde o início – negação da realidade –, já na neurose ela é consequência

apenas do segundo estágio – substituição da realidade – que “afeta justamente a porção da realidade por cujas exigências produziu-se a repressão instintual” (*Ibid.*, p. 194).

Portanto, a “[...] neurose não nega a realidade, apenas não quer saber dela; a psicose a nega e busca substituí-la” (FREUD, 1924/2011, p. 196). Por conseguinte, nessa fissura entre o Eu e o mundo externo da psicose é colocado um remendo: o delírio. O delírio passa a ser entendido, então, pela psicanálise, como um trabalho do sujeito a fim de reconstruir o mundo externo rompido e não mais como uma patologia.

Freud (1911/2010, p. 61), através do estudo da autobiografia do ex-presidente da Corte de Apelação da Saxônia, Daniel Paul Schreber, dá outro significado ao delírio, afirmando que “o que consideramos produto da doença, a formação delirante, é na realidade tentativa de cura, reconstrução”. É possível apreender, desta forma, que, na psicose, ao se produzir uma fuga da realidade - um rompimento total com esta -, o delírio vem para substituí-la, possibilitando que o psicótico reestabeleça uma relação com o mundo externo.

Pode-se observar, através do estudo do caso Schreber, todo o trabalho do sujeito na sua formação delirante, ratificando a ideia de Freud de 1900 de que há sentido no delírio. O autor, onze anos antes, afirma que “até mesmo os delírios dos estados confusionais são, conforme uma inteligente suposição de Leuret, dotados de sentido [...]” (FREUD, 1900/2019, p. 579- 580).

Nota-se que a construção do delírio e a estabilização do sujeito psicótico andam juntos, como afirmam Briggs e Rinaldi (2014, p. 416): “leva-se em conta a invenção do sujeito para além do delírio, a partir de uma estabilização que, entretanto, não acontece sem ele”. Deduz-se que, quando o delírio é retirado, pode haver o desencadeamento do surto.

Além disso, é pertinente abordar sobre o processo de construção do delírio. Freud (1911/2010, p. 37), após vários estudos a respeito dos delírios de perseguição, sobretudo através do caso Schreber, conclui que “a pessoa a que o delírio atribui tamanho poder e influência [...] seria [...] a mesma que antes da doença tinha significado igualmente grande para a vida afetiva do paciente, ou um substituto facilmente reconhecível”, isto é, “aquele agora odiado e temido, por sua perseguição, seria alguém amado e venerado anteriormente”. Ademais, “o caráter paranoico está em que, para defender-se de uma fantasia de desejo homossexual, reage-se precisamente com um delírio persecutório de tal espécie” (*Ibid.*, p. 51); há, então, uma escolha objetal narcisista e a criação de um delírio para lutar contra essa tendência homossexual.

Briggs e Rinaldi (2014, p. 421) apontam que essa relação colocada por Freud entre a paranoia e o homossexualismo diz respeito à “posição estrutural que o psicótico ocupa em relação ao Outro”, isto é, a posição de objeto. No caso clínico apresentado pelas psicanalistas no texto “O sujeito psicótico e a função do delírio” (2014), o delírio faz com que o sujeito saia dessa posição passiva - de objeto - para uma posição ativa.

Assim, apesar de finalizar seu aprofundamento na história de Schreber se

questionando sobre suas concepções ao afirmar que “o futuro decidirá se na teoria há mais delírio do que eu penso, ou se no delírio há mais verdade do que outros atualmente acreditam” (FREUD, 1911/2010, p. 68), Freud (1915/2010) ratifica suas ideias através do caso exposto no texto “Um caso de paranoia que contraria a teoria psicanalítica da doença” e chega a numerosas conclusões a respeito dele, não apenas do conceito e da construção do delírio, mas do mecanismo da paranoia e da “normalidade” (principalmente ao trabalhar sobre o narcisismo), autenticando que “só depois de estudar o patológico é que se compreende a normalidade” (FREUD, 1905/2006, p. 148).

2.2 O narcisismo e o estágio do espelho

O processo de desenvolvimento da teoria da psicose fomentou-se ainda mais a partir da teoria do narcisismo, que teve, também, sua trajetória entrelaçada a partir dos estudos da psicose. Para Garcia-Roza (2009, p. 198), o estudo de Freud sobre o narcisismo é um de seus trabalhos teóricos mais importantes, no qual o autor, além de romper conceitualmente com Jung, traça “a distinção entre “libido do ego” e “libido objetal” ao introduzir o conceito de “ideal do ego”.

A compreensão de um narcisismo primário e normal – e não como uma perversão, como se acreditava anteriormente – pôde ser elaborada através dos estudos da teoria da libido referida aos parafrênicos – nome atribuído por Freud à esquizofrenia de Bleuler e à demência praecox de Kraepelin. Segundo Freud (1914/2010, p. 10), “esses doentes [...] mostram duas características fundamentais: a megalomania e o abandono do interesse pelo mundo externo (pessoas e coisas)”.

Como abordado no capítulo anterior, a neurose também se afasta de certa maneira do mundo externo, entretanto não abandona a relação erótica com as pessoas e as coisas, como ocorre na psicose. Na neurose, como afirma Freud (1914/2010, p. 11), há uma “introversão da libido”, ainda a mantendo na fantasia.

Já na parafrenia também pode ocorrer uma tentativa de recondução da libido no objeto, entretanto, isso só ocorre como uma tentativa de cura, e é neste momento que se apresenta a conduta narcisista secundária, originada da retração dos investimentos objetais: “a libido retirada do mundo externo foi dirigida ao Eu” (FREUD, 21 1914/2010, p. 11). É, então, esse investimento libidinal em si mesmo que permite com que o sujeito faça laço com o Outro – laço, esse, não partilhado, havendo ainda assim uma dificuldade de inserção no laço social (BRIGGS; RINALDI, 2014).

Freud (1914/2010), em seu texto “Introdução ao Narcisismo”, coloca que a megalomania parafrênica se apresenta como secundária, uma vez que o narcisismo primário é identificado em crianças, as quais apresentam traços que também se explicitam como megalomaniacos.

Visto que há “a ideia de um originário investimento libidinal do Eu, de que algo é depois cedido aos objetos, mas que persiste fundamentalmente, relacionando-se aos

investimentos de objeto [...]” (FREUD, 1914/2010, p. 12), conclui-se que “nesse sentido, o narcisismo não seria uma perversão, mas o complemento libidinal do egoísmo do instinto de autoconservação, do qual justificadamente atribuímos uma porção a cada ser vivo” (*Ibid.*, p. 10), podendo avançar e recuar ao longo da vida.

Atribui-se, então, às patologias – formações sintomáticas – da neurose a um represamento da libido de objeto, já aos fenômenos de hipocondria e parafrenia se ligam à ideia de um represamento da libido do Eu. É, desta forma, a megalomania que permite uma elaboração psíquica interna por parte do parafrênico para que seja possível lidar com as excitações penosas que não conseguem ser descarregadas, ou seja, “talvez somente com o fracasso desta o represamento de libido no Eu se torne patogênico e incite o processo de cura que aparece para nós como doença” (FREUD, 1914/2010, p. 21).

Já no caso da melancolia ocorre um processo diferente. Garcia-Roza (2009) se utiliza do texto de 1977 de Paul Ricœur – “Da interpretação: ensaio sobre Freud” – para explicar que nesta variação da psicose, distintivamente da paranoia, ocorre uma identificação do Eu com o objeto perdido. Assim, o Eu passa a ser o objeto ambivalente de seu amor e ódio e a perda do objeto significa uma perda do próprio Eu. Uma terceira variação na fenomenologia da estrutura psicótica implica também em uma diferenciação do processo de fixação. Na esquizofrenia, transcorre uma fixação em um estado anterior e preparatório do narcísico: no autoerotismo. Este, constituinte da pulsão sexual, se apresenta como “um estado original da sexualidade infantil [...], no qual a pulsão sexual, ligada a um órgão ou à excitação de uma zona erógena, encontra satisfação sem recorrer a um objeto externo” (GARCIA-ROZA, 2009, p. 99).

Relativamente ao narcisismo primário, Lacan (1966/1998) elabora em seus “Escritos” a sua teoria do estágio do espelho, na qual a identificação com o outro corresponde ao narcisismo primário. A fase do espelho descrita através do texto “O estágio do espelho como formador da função do eu” se inicia em torno dos seis meses de idade e se prolonga até os dezoito meses e é através dela que a criança pode formar, por meio da identificação com a imagem do outro, uma representação de sua própria unidade corporal (GARCIA-ROZA, 2009).

É importante frisar a distinção entre a constituição do Eu e a constituição do sujeito, uma vez que esta última se dará apenas através da linguagem, isto é, da passagem do imaginário para o simbólico. Assim, uma vez que a fase do espelho é regida pelo imaginário – dual – o Eu produzido nesse momento é apenas especular (GARCIA-ROZA, 2009): “se o Eu é da ordem do imaginário e do sentido, o sujeito é partido entre os significantes do simbólico” (COUTINHO JORGE, 2000/2009, p. 46). Esta constituição depende, entretanto, de um Outro simbólico e seu reconhecimento, como coloca Coutinho Jorge (2000/2008, p. 45): “o eu é, assim, descrito por Lacan como essencialmente imaginário, embora sua constituição não prescindia do reconhecimento simbólico do Outro”. É preciso que este investimento simbólico do Outro primordial exista para que o corpo fragmentado se unifique

com a imagem no espelho.

A vivência anterior à fase do espelho é a de um corpo despedaçado e sem diferenciação por parte do bebê entre o seu corpo e o da sua mãe. Assim, pode-se entender que o nosso corpo é efeito do estágio do espelho. O corpo não está dado, ele está ligado a uma experiência subjetiva de constituição do Eu a nível do simbólico. Na esquizofrenia, é possível observar essa experiência do corpo fragmentado, já na paranoia, há uma tentativa de estabilização, de unidade através da imagem especular exterior – miragem ortopédica – a isso que deixa o esquizofrênico despedaçado.

Lacan (1957-58/1999, p. 14), em seu quinto Seminário, coloca a psicose como uma “carência significativa primordial” devido a forclusão do Nome-do-Pai. Assim, o psicótico se encontra sem a mediação simbólica, ficando refém da cadeia do Imaginário. Em razão da falta do rompimento da relação dual com a mãe, o sujeito psicótico permanece em uma prisão na relação especular com o Outro (A), que é reduzido ao pequeno outro rival (a’). Uma vez que sua lógica dual estabelece o raciocínio “ou eu ou o outro”, a formação paranoica do Eu ocasiona uma identificação e uma rivalidade com o outro fazendo com que o paranoico ocupe, então, esse lugar do Eu totalitário, que é único e está sempre ameaçado pelo Outro.

O delírio se apresenta, portanto, como já explicitado, como uma forma de estabilização – de ponto fixo onde o sujeito possa girar a sua existência. O mesmo ocorre em relação à Fantasia na neurose: “[...] a fantasia fundamental, como o que instaura o lugar no qual o sujeito pode se fixar como desejo” (LACAN, 1960-1961/1992, p. 194), constituindo, então, “o armazém do qual é extraído o material ou o modelo para construir a nova realidade” (FREUD, 1924/2011, p. 198). Pode-se apreender, assim, que o delírio se dá para o psicótico como uma substituição desse mundo da fantasia que não se constituiu para ele como se deu para a neurose – e para a perversão.

2.3 Fantasia e delírio

Coutinho Jorge (2010) ressalta a existência do que ele denomina de “o ciclo da fantasia” em Freud. Este ciclo, que se encontra entre 1906 e 1911, sucede - não por acaso, uma vez que a Fantasia é a articulação entre pulsão e inconsciente – o ciclo do inconsciente (inconsciente e pulsão) e antecede o ciclo da técnica.

Pode-se dizer que a fantasia surge a partir do recalque originário e permite que o sujeito lide com o gozo, com a pulsão de morte; em outras palavras, a inscrição do significante Nome-do-Pai instaura a fantasia no psiquismo da criança. Como na psicose há a forclusão do Nome-do-Pai, o recalque originário não ocorre, impedindo a instauração da fantasia fundamental. O trabalho do psicótico é, portanto, o de preencher esta fenda, e ele o faz através de seu delírio.

Ainda no texto inaugural do ciclo da fantasia, Freud (1907/2015) trabalha a diferença entre delírio e fantasia. Segundo Coutinho Jorge (2010), Freud aponta para duas

características principais do delírio: a primeira é a de que o delírio não produz efeito direto sobre o corpo, mas, sim, manifestações mentais, assim como os pensamentos obsessivos; a segunda é a de que no delírio, as fantasias ganham primazia, isto é, se tornam certezas e influenciam nas ações do sujeito em questão.

Relacionando, então, delírio e fantasia entende-se que o delírio é “uma crença profunda ligada a uma parcela de verdade” enquanto as fantasias, além de também manterem uma relação com a verdade, “são como ecos das lembranças infantis esquecidas e/ou recalçadas” (COUTINHO JORGE, 2010, p. 43-44).

Avançando pelo caminho de Freud no ciclo da fantasia, é a partir do artigo “As fantasias históricas e sua relação com a bissexualidade” (1908/2015) que se inicia a apresentação do que Lacan denomina de tripartição clínica estrutural: neurose, psicose e perversão. Na paranoia, o delírio aparece como a dimensão mais relevante, já na perversão, é a satisfação sexual direta e, por fim, a neurose se utiliza da fantasia (COUTINHO JORGE, 2010).

Além disso, é a partir deste texto que se chega à conclusão sobre a função primordial da fantasia: “a de sexualizar a pulsão de morte” (COUTINHO JORGE, 2010, p. 52). A fantasia, como uma articulação entre pulsão e inconsciente, tem o papel de frear a pulsão de morte e seu real do gozo destrutivo, mediando o encontro do sujeito com o real.

Sabe-se que a pulsão, uma vez que há uma força constante da libido na atividade pulsional, não cessa de buscar satisfação, entretanto a realidade impõe barreiras nessa busca. A fantasia coloca, então, um objeto no lugar da falta, assim, sem ela, há um encontro com a falta de objeto que é da ordem de um real impossível de suportar. Conclui-se que a fantasia fundamental produz a constituição do sujeito através da localização de um objeto – pelas palavras e imagens – para tamponar o objeto que falta, o real, proporcionando uma satisfação imaginária. É, portanto, por meio da fantasia, que indica pontualmente uma falta, que o sujeito se torna sujeito barrado na relação com o objeto a.

Mesmo que o desejo não possua um objeto único, o sujeito passa a se relacionar de forma repetitiva com a causa do desejo, o que pode se apresentar como uma verdadeira, nos termos de Coutinho Jorge (2010, p. 79), “prisão domiciliar”. Assim, a travessia da fantasia através do resgate de elementos que constituem o sujeito permite a libertação dessa fixação excessiva da fantasia. À vista disso, se torna possível consentir, aqui, com a ideia de Lacan (1967) de que o louco é um homem livre já que, para este, não há demanda de objeto a, ele o carrega no bolso.

Na psicose, não há a instauração da fantasia fundamental e, assim, o delírio tenta preencher essa falta que faria a mediação do encontro com o real, constituindo a realidade psíquica. Desta forma, sem a fantasia, ocorre uma “irrupção avassaladora do real” (COUTINHO JORGE, 2010, p. 71).

Pode-se apreender que, na psicose, por não haver a instauração da fantasia inconsciente, o empuxo-ao-gozo não é freado, como afirmado por Coutinho Jorge (2010, p.

143): “a entrada em ação da fantasia é o que freia o empuxo-ao-gozo inerente à exigência imperiosa da pulsão de morte de obter a satisfação absoluta a qualquer preço”. Para tentar fazer frente a isso, isto é, articular o gozo, o psicótico delira: “nas psicoses, não há o freio da fantasia, mas há a produção do delírio no sentido de tentar restabelecer, restituir o plano faltoso da fantasia” (*Ibid.*, p. 147).

Por fim, diante de todas essas correspondências entre os dois conceitos – fantasia e delírio – entende-se o porquê que lógica do delírio na psicose pôde ser elaborada por Freud somente após suas conclusões acerca da fantasia na neurose. Face à respectiva estrutura psíquica – neurose e psicose – a correlação entre fantasia e delírio se dá no fato de que “ambos regulam, cada um a seu modo, a relação do sujeito com a realidade” (*Ibid.*, p. 60).

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo foi possível perceber, embora cada estrutura apresente suas próprias especificidades, as similaridades existentes entre neurose e psicose, tornando-se viável a retirada do entendimento dessa última como uma patologia.

Apesar de Freud (1914/2010) acreditar que a psicanálise não era indicada ao tratamento da psicose devido a seu desinvestimento libidinal no mundo externo – hipótese que, em seguida, se mostrou impeciente –, observa-se todo o trabalho da teoria psicanalítica a fim de desvendar os enigmas desta estrutura, não separada inicialmente da neurose.

É Lacan que, a partir dos estudos de Freud e da escuta a pacientes psicóticos, pôde apreender, então, a diferença na linguagem da estrutura psicótica, na qual há a falta de algo que fundaria a significação e possibilitaria um sentido compartilhado. Neste caso, é o delírio que evidenciará a relação do sujeito com o significante e irá dizer sobre o mecanismo último da psicose – a forclusão do Nome-do-Pai. O psicótico tenta suprir essa forclusão por meio de uma articulação significativa do mundo, não sendo, portanto, uma doença que tira o psicótico da realidade, mas, pelo contrário, uma tentativa de articulação com o mundo. Esse delírio revelará, portanto, a relação desse sujeito com o Simbólico.

O psicanalista, baseando-se nos estudos de Freud e Lacan apresentados ao longo dos capítulos e, logo, trabalhando com os significantes, preza a importância do delírio, não o retirando do paciente e se contentando em se passar por “secretário do alienado” (LACAN, 1955-56/2010, p. 241). Assim como o psicanalista trabalhará incluindo o delírio na psicose, ele se ocupará da neurose abdicando da realidade factual, mas mediante a realidade tal qual ela se apresenta na Fantasia, como visto ao longo da parte 2.3.

Cada estrutura lida, de sua maneira particular, com a “insuficiência da linguagem de dar conta da experiência pulsional” (GUERRA, 2010, p. 12), isto é, a linguagem não dá conta de apreender toda a experiência com o corpo e com a realidade e a neurose, a psicose e a perversão encontram diferentes saídas para lidar com essa impossibilidade.

No caso da psicose,

o que é vivido como traumático, como afetivamente intenso [...] não ganha uma representação capaz de favorecer o escoamento energético ou a vinculação desse excesso a uma ideia, uma representação. As palavras são reais. Freud nos diz que o eu rejeita a representação incompatível juntamente com o seu afeto e se comporta como se a representação jamais lhe tivesse ocorrido. Mas a partir do momento em que isso ocorre, temos uma psicose (GUERRA, 2010, p. 14).

Assim, compreende-se que, na psicose, não há dialética e nem simbolização. “Haveria um superinvestimento nas representações das palavras como forma de suprir a não inscrição das representações das coisas no inconsciente. Desta feita, as palavras são tomadas como coisas” (GUERRA, 2010, p. 13).

De forma distinta ocorre para a neurose: “o material ligado ao conflito antigo é conservado no inconsciente enquanto significante em potencial, significante virtual, para ser tornado no significado do conflito atual e servir-lhe de linguagem, isto é, de sintoma” (LACAN, 1955-56/2010, p. 143). O sintoma neurótico está fundado no significante, não em um, mas, sim, em uma cadeia significante, isto é, para que haja sintoma, é preciso que haja duplicidade – como estabelecido nas três leis do significante –, é necessário que o conflito antigo fique conservado no inconsciente.

Diz-se, então, que, na psicose, o sujeito é falado mais do que fala, isto é, é o sujeito no lugar de objeto. Na esquizofrenia, a cadeia significante está presente o tempo todo, é autônoma. Já na paranoia, na qual o sujeito não aceita o lugar de objeto, há uma significação, porém, é uma significação plena, sem equivocidade, imposta ao sujeito – assim, entende-se que não se trata do conteúdo do delírio, mas da economia do discurso, ou seja, da sua relação com o significante. Por fim, a melancolia, compreendida como o avesso da paranoia, adere ao lugar de objeto perdido.

Lacan, fundamentado nas descobertas de Freud, parte da ideia de que há uma homologia da lógica da linguagem e da lógica do inconsciente e, se apoiando em Saussure, baseia-se na ideia da linguística através de uma relação entre significante e significado. Como posto na parte introdutória, “o inconsciente é, no fundo dele, estruturado, tramado, encadeado, tecido de linguagem. E não somente o significante desempenha ali um papel tão grande quanto o significado, mas ele desempenha ali o papel fundamental” (LACAN, 1955-56/2010, p. 142).

Deste modo, com a noção da primazia do significante e dependência do significado em relação a esse, ou melhor, em relação a um encadeamento desses, a psicanálise tentará trabalhar, então, essa produção de significado que se dá a partir da cadeia significante. A linguagem se apresenta, aqui, como um meio para trazer à tona o que diz respeito a uma outra dimensão, visto que o inconsciente se apresenta no escapismo do significante quando ele é evocado pela linguagem através da análise. O sujeito, para Lacan, advém do encadeamento significante.

Todos, independentemente da estrutura, entram na linguagem de forma objetiva. O neurótico consegue fazer com que esse discurso do Outro fique dentro, representando-o e assumindo-o como próprio que, apesar de estar recalcado, é reconhecido (estranho familiar). Já o psicótico não reconhece esse discurso como seu, a cadeia significante não está recalcada, mas, sim, a “céu aberto” (LACAN, 1955-1956/2010, p. 75).

Muitas questões ainda continuam abertas a respeito da psicose e da sua relação com a linguagem, sobretudo ao emprego de figuras de linguagem, como a metáfora, a metonímia e a ironia, que exigem uma dualidade de sentido. Assim, é imprescindível colocar-se a trabalhar acerca destas indagações, se aprofundando cada vez mais na psicose e nos seus enigmas ainda existentes aos que não podem usufruir de seus mecanismos, uma vez que “não se torna louco quem quer” (LACAN, 1955-56/2010, p. 24), só se torna louco quem pode.

REFERÊNCIAS

BRIGGS, R.; RINALDI, D. O sujeito psicótico e a função do delírio. In: **Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.** (p. 416-430). São Paulo: 2014.

COUTINHO JORGE, M. A.; FERREIRA, N. P. **Lacan, o grande freudiano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

FREUD, S.; BREUER, J. **Obras completas: Estudos sobre a histeria** (1893-1895). Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2016, v. 2.

FREUD, S. As Neuropsicoses de Defesa (1894). In: _____ **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Primeiras Publicações Psicanalíticas** (1893-1899). Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. III.

FREUD, S. Observações adicionais sobre as Neuropsicoses de Defesa (1896). In: _____ **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Primeiras Publicações Psicanalíticas** (1893-1899). Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. III.

FREUD, S. Psicologia dos processos oníricos (1900). In: _____ **Obras completas: A interpretação dos sonhos** (1900). São Paulo: Companhia das Letras, 2019, v. 4.

FREUD, S. Tratamento psíquico (ou anímico) (1905). In: _____ **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Um caso de histeria. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos** (1901- 1905). Rio de Janeiro: Imago, 2006, v. III.

FREUD S. **Obras completas: O delírio e os sonhos na Gradiva, análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos** (1906-1909). Rio de Janeiro, Companhia das Letras, 2015, v. 8.

FREUD, S. Cinco lições de psicanálise (1910). In: _____ **Obras completas: Observações sobre um caso de neurose obsessiva [“O homem dos ratos”], uma recordação da infância de Leonardo da Vinci e outros textos** (1909-1910). Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2013, v. 9.

FREUD S. **Obras completas: Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“O caso Schreber”), artigos sobre técnica e outros textos** (1911-1913). São Paulo: Companhia das Letras, 2010, v. 10.

FREUD, S. Introdução ao narcisismo (1914). In: _____ **Obras completas: introdução ao narcisismo, ensaios de Metapsicologia e outros textos** (1914 – 1916). São Paulo: Companhia das Letras, 2010, v. 12.

FREUD, S. Os instintos e seus destinos (1915). In: _____ **Obras completas: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos** (1914-1916). São Paulo: Companhia das Letras, 2010, v. 12.

FREUD, S. O Inconsciente (1915). In: _____ **Obras Completas: A História do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos** (1914- 1916). Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XIV.

FREUD S. Além do Princípio do Prazer (1920). In: _____ **Obras completas: História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), Além do Princípio do Prazer e outros textos** (1917-1920). São Paulo: Companhia das Letras, 2010, v. 14.

FREUD, S. A perda da realidade na Neurose e Psicose (1924). In: _____ **Obras completas: O Eu e o Id, “Autobiografia” e outros textos** (1923-1925). Rio de Janeiro, Companhia das Letras, 2014, v. 16.

FREUD, S. Neurose e Psicose (1924). In: _____ **Obras completas: O Eu e o Id, “Autobiografia” e outros textos** (1923-1925). Rio de Janeiro, Companhia das Letras, 2014, v. 16

GARCIA-ROZA, L. A. **FREUD e o inconsciente** (1994). Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

GUERRA, A. M. C. **A psicose**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

JORGE, M. A. C. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan. Vol 1: As bases conceituais** (2000). Rio de Janeiro: Zahar, 2008, 5ª ed.

JORGE, M. A. C. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan. Vol 2: A clínica da fantasia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

LACAN, J. Da Psicose paranóica em suas relações com a personalidade (1932). In: _____ **Da Psicose paranóica em suas relações com a personalidade seguido de Primeiros Escritos sobre a paranoia**. São Paulo: Editora Forense, 2011, 2ª ed.

LACAN, J. **O Seminário, livro 3: As psicoses** (1955-1956). Rio de Janeiro: Zahar, 2010, 2ª ed.

LACAN, J. A forclusão do Nome-do-Pai (1958). In: O Seminário, livro 5: **As formações do inconsciente**. (1957-1958). Rio de Janeiro: Zahar, 1999, pp. 149-155.

LACAN, J. **O Seminário, livro 8: a transferência** (1960-1961). Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu. In: **Escritos** (1966). Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, J. (1967). **Petit discours aux psychiatres de Sainte-Anne**. Disponível em: <<http://ecole-lacanienne.net/wp-content/uploads/2016/04/1967-11-10.pdf>>

LACAN, J. **O Seminário, livro 23: O sinthoma** (1975-1976). Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

RICCEUR, P. **Da interpretação: ensaio sobre Freud** (1977). Rio de Janeiro: Imago.

SCHREBER, D. P. **Memórias de um doente dos nervos** (1903). Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985, 2° ed.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acolhimento 13, 23, 48, 92, 97, 98, 99, 102, 104, 106, 108

Alunos 97, 99, 100, 102, 103, 106, 107, 108, 111, 112, 113, 114, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 129, 130, 131, 132, 143

Análise fatorial 127, 136

Anarquismo 67, 68, 70, 71, 72

Avaliação psicológica 134, 154, 156, 157, 159, 162, 163, 164, 166

B

Bullying 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137

C

Confiabilidade e validade 127

D

Delírio 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 56

Depressão 16, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 40, 73, 75, 76, 78, 80, 82, 100, 103, 104, 106, 107, 128, 131, 133, 164

E

Educação especial 111, 112, 113, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 124, 125, 169

Emoção 26, 32, 33, 34, 37, 38, 39, 73, 74, 75, 79, 82

Estádio do espelho 1, 2, 4, 5, 6, 11

Estigmas 41, 42, 45, 48, 50

Existencialismo 26, 28, 31, 39

F

Fantasia 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 11, 56, 57

Fiscalizações 154, 158

Formação continuada 84, 86, 90, 94, 111, 112, 113, 117, 120, 122, 124, 125

Formação de professores 84, 87, 90, 117, 118, 119

G

Gameterapia 138, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152

I

Inteligência emocional 73, 74, 75, 76, 78, 80, 81, 82, 83

J

Jung 4, 13, 14, 19, 20, 21, 22, 24, 54, 55, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 65

M

Meditação 73, 80, 81, 82

Ministério do Trabalho 154, 156, 157, 160, 161, 165, 166, 167

Morte 6, 7, 8, 13, 14, 15, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 71

Motivação 21, 81, 86, 138, 147, 152

N

Narcisismo 1, 2, 4, 5, 11

Normas regulamentadoras 134, 154, 155, 156, 157, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167

P

Plantão 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109

Processo de luto 13, 15, 16, 17, 22, 23

Professores 49, 84, 87, 90, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 111, 112, 113, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 129, 132, 133, 136

Psicología 55, 65

Psicologia analítica 13, 14, 15, 19, 20, 23, 24, 54, 58

Psicologia organizacional 154

Psicopatologia 26, 27, 28, 29, 30, 31, 36, 37, 38, 39, 40

Psicose 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11

Psicossociais 61, 84, 87, 92, 154, 155, 156, 157, 160, 161, 162, 163, 165, 166, 167, 168

Psicoterapia 13, 14, 15, 20, 21, 22, 23, 24, 40, 58, 102, 134

Psique humana 22, 67, 68, 70, 71

Q

Qualificação permanente 84, 90

R

Razão 6, 15, 50, 57, 73, 79, 81, 86

Reabilitação 88, 90, 112, 114, 138, 139, 142, 144, 145, 147, 148, 150, 151, 152

S

Saúde do trabalhador 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 95, 157, 161, 165

Saúde mental 14, 20, 25, 27, 29, 55, 67, 71, 84, 86, 87, 89, 90, 91, 92, 93, 96, 97, 98, 101,

106, 107, 108, 109, 129, 131, 150, 156, 161, 167

Sexualidade 5, 10, 41, 42, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 58, 70

Sofrimento psíquico 13, 21, 27, 97, 99, 106

T

Tecnologia assistiva 138, 140, 141, 149

Temporalidade 26, 27, 29, 34, 35, 36, 37, 38, 99

Transtorno de Espectro Autista 41, 43, 52, 53

Y

Yoga 73, 74, 81, 82

Psicologia:

Formação profissional, desenvolvimento e trabalho



Psicologia:

Formação profissional, desenvolvimento e trabalho

